

A Relação da natação como modalidade esportiva, na autoaceitação para deficientes com anomalia física congênita.

Y.E. HAYEK¹; E. S. dos SANTOS²; R. T. GALINDO²; Y. A. SANTOS²

¹ Mestre em Medicina pela Universidade de Santo Amaro, docente do curso de Educação Física no Centro Universitário Ítalo Brasileiro – UniÍtalo, São Paulo – SP, Brasil.

² Graduados do Curso de Educação Física no Centro Universitário Ítalo Brasileiro – UniÍtalo, São Paulo – SP, Brasil.

E:mail: yasmin@uniitalo.edu.br

COMO CITAR O ARTIGO:

HAYEK, Y. E., SANTOS, E. S. dos, GALINDO, R. T., SANTOS Y. A. **A Relação da natação como modalidade esportiva, na autoaceitação para deficientes com anomalia física congênita. UniÍtalo em Pesquisa**, URL: www.italo.com.br/pesquisa. São Paulo SP, v.7, n.1, p. 16-37, jan/2017.

RESUMO

O objetivo deste estudo é estabelecer a natação como uma ferramenta de motivação para as pessoas com anomalia congênita, em relação ao aumento de autoestima. Além disso, buscou-se a compreensão do papel do professor de Educação Física como um mediador para este aluno nas relações interpessoais e sua interação com a sociedade. Os métodos utilizados para tais investigações foram revisão de literatura e uma entrevista com um paraatleta de natação. A partir de uma abordagem qualitativa, as principais conclusões foram que as demandas sociais por corpos perfeitos com elevados padrões de beleza estética, bem como a exigência da produtividade do corpo leva pessoas com deficiência a sentimentos de inutilidade. Por outro lado, verificou-se que o apoio da família, amigos e professores de Educação Física, podem contribuir para a autoaceitação e a melhora do indivíduo em seus padrões emocionais e de integração social. Em resumo, a natação pode ser uma ferramenta poderosa para professores de Educação Física no trato de pessoas com anomalia congênita ao trazer desafios, aumentando a sua autoestima e colaborando no sentido de inclusão social, com consequente realização pessoal ao passo que torna este indivíduo ativo socialmente.

Palavras-chave: Deficientes, natação, esportes adaptados, educação física, anomalia congênita.

ABSTRACT

The aim of this study is establish swimming as a motivating tool for people with congenital anomaly in a way of social integration, besides the understanding of the role of physical education teacher as a mediator for that student in interpersonal relationships and their interaction with society. The methods used for such investigations were literature review and an interview with a swimming para-athlete. From a qualitative approach, the conclusion was that the social demands for perfect bodies and high standards of beauty aesthetics as productivity leads people with disabilities to feelings of worthlessness. On the other hand it was found that the support from family, friends and coaches may contribute to self-acceptance of this individuals improving their emotional standards and social integration. To sum up, swimming can be a powerfull tool for physical educational teachers to use with people with disabilities, because brings them challenges, increase their self steam and provides social inclusion.

Keywords: handicapped, swimming, adapted sports, physical education, congenital anomaly.

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho o olhar recai especialmente para deficientes com faltas de membros por má formação, de maneira a comprometer os movimentos que podem ser produzidos no meio aquático e na sua vida cotidiana. A escolha deste grupo específico se deu pelo fato de que, nestes casos, a deficiência física se torna mais evidente podendo ou não tornar mais lento o processo de adequação do indivíduo ao aprendizado deste esporte. Não será aprofundado o assunto do movimento em si.

Entender a importância das atividades aquáticas enquanto meio de atender seus alunos com deficiência física, promovendo a melhora da eficácia motora, mas, além disso, um trabalho que pode ser ampliado no sentido de lidar com questões emocionais, dentre elas a estima do indivíduo.

Com o objetivo de conhecer os motivos que levam pessoas com deficiência física a buscar a natação como meio de integração social a partir da elevação da autoestima, bem como o entendimento da contribuição desta modalidade na superação de obstáculos que se apresentam emocionalmente para estes indivíduos, este estudo qualitativo foi confeccionado a partir de revisão bibliográfica em livros e artigos, além de entrevista com um paraatleta da natação que apresenta anomalia congênita.

1.1 Conceito de Deficiência

Sassaki (2003) salienta que as mudanças terminológicas utilizadas para identificar pessoas deficientes, não são feitas aleatoriamente; elas decorrem de conceitos sociais sendo constituídas em relação à capacidade de produção profissional do indivíduo. Nomes como “inválidos”, “incapacitados”, “incapazes”, “defeituosos” sugeriam pessoas sem utilidade produtiva demonstrando uma visão da sociedade industrial. Já os termos “pessoas deficientes”, “pessoas portadoras de deficiência”, “portadores de deficiência” propunha substituir o termo “pessoas deficientes”, que surgiram posteriormente, indicava de certa forma as capacidades residuais que algumas destas pessoas poderiam apresentar. Em junho de 1994 ,outro termo “pessoas com deficiência” aparece, tendo maior adesão e aceitação por meio dos deficientes, este por sua vez vem junto com a visão de inclusão social.

Com relação aos deficientes físicos com falta de membros por má formação, que são o foco deste trabalho encontramos o conceito de deficiência física, no Decreto nº 3.298 de 1999 da legislação brasileira artigo 4 da seguinte forma:

Deficiência Física – alteração completa ou parcial de um ou mais segmentos do corpo humano, acarretando o comprometimento da função física, apresentando-se sob a forma de paraplegia, paraparesia, monoplegia, monoparesia, tetraplegia, tetraparesia, triplegia, triparesia, hemiplegia, hemiparesia, amputação ou ausência de membro, paralisia cerebral, membros com deformidade congênita ou adquirida, exceto as deformidades estéticas e as que não produzam dificuldades para o desempenho de funções. (BRASIL, 1999, art. 4º).

Pode ser entendido que a falta de um membro ou má formação deste, que ocasionam o comprometimento de suas de suas funções, caracterizam um corpo como deficiente do ponto de vista das atividades cotidianas do ser humano. Esse tipo de deficiência recebe o nome de amputação ou anomalia congênita. Castro (2007) descreve a anomalia congênita como caracterizada pela má formação de um ou mais membros podendo ser de ordem genética, ambiental ou mesmo os dois.

1.2 O professor de educação física (natação) e o aluno deficiente

Muito se fala em inclusão social nas aulas de Educação Física adaptada que são ministradas pelas universidades, porém normalmente esta abordagem esta ligada ao meio escolar ou mesmo a equipes de treinamento para competição, o que pode em alguns momentos encobrir as necessidades que fazem parte da vida de pessoas com deficiência. Martins e Barsagline (2011) alertam sobre a importância de compreender a experiência de vida do deficiente em sua condição de limitação, o que colabora com uma abordagem mais coerente da adversidade sociocultural e contextual desse grupo social, facilitando no cuidado com a saúde destes.

O tema inclusão, em relação ao curso de bacharelado em Educação Física, é muito mais abordado na que diz respeito à licenciatura pelo fato de que estes professores irão trabalhar em escolas, com grupos de crianças e adolescentes e sua abordagem seria no intuito da disciplina em função da formação do cidadão, motivo que leva a serem mais consideradas questões ligadas a corporeidade, e à integração social. Castro (2007), afirma que a inclusão dos deficientes

físicos nas aulas de Educação Física, está caminhando no sentido de discussões acerca dos vários aspectos que compreendem esse assunto. O autor é necessário os direitos dessas a essas pessoas e libertá-los de estigmas falta e fracasso, do ponto de vista social.

Já para os professores que atuam em academias ou em treinamento desportivo, à questão da qualidade de vida fica muito mais atrelada a condição física com o intuito de melhoramento do corpo no sentido de torná-lo eficiente, sem, no entanto haver uma maior preocupação com os bloqueios emocionais que podem se apresentar. Na afirmação de Novaes (2006), o autor relata que apesar da prática esportiva possuir grande adaptabilidade, ainda se vincula a uma sociedade onde a produtividade e a concorrência é o foco, assim sendo dentro do universo paradesportivo as cobranças de produtividade corporal são também muito evidentes.

1.3 Natação adaptada como meio de sociabilização

Urizzi (2003) relata que o esporte adaptado se originou após a Segunda Guerra Mundial na Inglaterra e Estados Unidos, ocasionando assim, o retorno dos guerrilheiros com mutilações diversas. Brancatti (2013) confirma essa teoria em seu artigo enfatizando que essa guerra gerou muitas deficiências por consequência dos traumas físicos, psicológicos e emocionais daí vários países iniciaram projetos no sentido de recuperação destas pessoas incentivando-as ao esporte como meio de reeducação dos movimentos que ainda eram possíveis a esses corpos. Segundo o mesmo autor, no Brasil a partir de 1950 foram

iniciados estes mesmos trabalhos em São Paulo e no Rio de Janeiro, com entidades criadas para trabalhar com o esporte adaptado.

Estas condições de surgimento do esporte adaptado podem ter contribuído no sentido de relacionar os praticantes das modalidades esportivas adaptadas de alto rendimento, como heróis, além da atribuição de grande valor em relação às suas superações de obstáculos apresentados pela vida. Rubio (2003) nos coloca que nos dias atuais o atleta de alto rendimento tornou-se uma espécie de heróis onde quadras, campos, piscinas e pistas equiparam-se a campos de batalha e o atleta por sua vez assim como nas figuras míticas, é o mortal que ultrapassa a condição humana assemelhando-se aos deuses.

Ainda para a autora o espetáculo do esporte é constituído de sonho, política e pragmatismo na medida em que as medalhas ganhas nas competições são o reflexo da distância de condições sociais, políticas, econômicas e culturais entre cidades, países e ate mesmo entre clubes, isso citando o caso do esporte de alto rendimento. Podemos concluir que a partir desta imagem proposta pelo esporte no caso de indivíduos com deficiência a utilização do esporte pode dar-lhe condições heroicas transformando a concepção de pessoa com menor valia a partir da sua condição física, em alguém que é admirado pelo mesmo motivo.

Assim sendo, a natação adaptada entra como aliada importantíssima para o deficiente físico, influenciando questões físicas e psicológicas além dos benefícios em relação à qualidade de vida. A modalidade ainda se diferencia de outras atividades, por utilizar o meio aquático, e ao entender-se, que a água não é o ambiente natural do ser humano é que há uma relativa exigência física do praticante, criando

assim desafios diários que propiciam aprendizagens contínuas. Segundo Urizzi (2003), as vantagens da prática da natação constituem em conjunto de efeitos benéficos da imersão do corpo em água que estimula a circulação sanguínea e favorece o relaxamento dos músculos, animando o paciente a explorar e a descobrir seus movimentos dentro da água.

Neste sentido professor é um grande aliado das pessoas com deficiência física, contribuindo com seu trabalho para trazer à esse praticante o prazer ao participar das aulas, o que pode motivá-lo para sua vida num contexto geral. Para tanto segundo Meller e Tesch (2007), é importante não olhar para o corpo, como algo fracionado segundo as definições antropológicas. Essa postura possibilita tornar o ambiente aquático atrativo e rico em diversidades para que os objetivos do aluno sejam alcançados, independente de quais.

Castro (2007) relata que para as pessoas com deficiência físicas que vem de um histórico de insucesso e frustração. Os benefícios psicológicos da natação no sentido do aumento da autoestima são de muita relevância. No dicionário Aurélio (2008), consta a palavra autoestima com o significado de “a aceitação que o indivíduo tem de si mesmo”. Desta forma para que uma pessoa com deficiência física consiga maior autonomia dentro da água é importante que ela mesma acredite em seu potencial e valorize o corpo que possui mesmo que o considere fragmentado, para tanto é importante que haja motivação de forma a desvincular esse aluno de uma visão negativa de si mesmo melhorando assim a autoestima.

Já em relação às questões sociais, Castro (2007), afirma que as atividades aquáticas realizadas em pequenos grupos auxiliam na

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.7, n.1 janeiro 2017

socialização além de colocar às pessoas deficiente com mais habilidade de nado em igualdade com relação aos outros de seu grupo que não sejam deficientes, por realizarem as mesmas atividades. O que acarreta ganho emocional.

Barreto et al. (2009), diz que a natação é considerada um dos esportes mais indicados para indivíduos com deficiência física, pois a água facilita a execução dos movimentos, além de contribuir para o desenvolvimento da coordenação, diminuição dos espasmos e promoção de relaxamento muscular.

A conscientização de como, e em relação a que a natação é importante para o deficiente, torna mais ampla a visão de cada profissional, desta forma é imprescindível à certificação de que seu aluno sintá-se o melhor possível com seu corpo. Conforme Barreto et al.(2009), quando o deficiente possui uma vida sedentária e a modifica optando pela prática do esporte, sua realização se pauta em combater as frustrações diárias, stress, inseguranças acumuladas, por resultado das situações geradas pela exclusão social. Para Novaes (2006), afirma que o deficiente o esporte possibilita desenvolver estratégias de sobrevivência que o faz adaptar-se as suas limitações viabilizando romper as diversas barreiras que se apresentam no seu cotidiano.

2 METODOLOGIA

Para essa investigação atingir a temática proposta, a metodologia utilizada foi à abordagem qualitativa, com pesquisas bibliográficas, desenvolvidas a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, de diversos autores.

Além das pesquisas de documentos, foi utilizada como meio de obtenção de dados entrevista com um atleta que apresenta anomalia congênita e se dedica a natação como esporte e meio de trabalho. Para Minayo (2010), o objetivo de uma proposta de estudo onde ocorre uma entrevista possibilita verificar o método de Interpretação de Sentidos. Assim sendo é uma forma de ir além do que simples interpretação nos proporciona, para a autora os conteúdos, argumentos e explicações, relevam mais do que as explicações do tema pode determinar a cerca do assunto tratado.

Foram feitas com esse fim, cinco perguntas sobre o tema, que foram respondidas oralmente e transcritas. Importante salientar que o conteúdo da entrevista foi divulgado neste trabalho teve leitura prévia posterior concessão do entrevistado.

As perguntas feitas foram: a) Sentiu constrangimento em relação ao corpo na prática da natação? Se sim por quê? ; b) O que mudou em sua vida após o início da prática? ; c) Qual o significado do apoio de pessoas para suas realizações? ; d) Qual a influência do professor ou treinador físico na motivação a prática de natação? ; e) Você acredita que a natação teve influência na sua autoestima? Se sim, de que forma?

2.1 Discussão dos Resultados

O Atleta entrevistado se chama William, têm atualmente 26, sua mãe teve rubéola na gravidez o que causou a má formação congênita começou a nadar aos 12 anos de idade e a competir com 17 anos. Hoje o esporte é sua profissão conforme sua afirmação “Meu trabalho é nadar, recebo pra isso cargo de atleta de natação, vivo do esporte com carteira registrada e tudo”.

O corpo deficiente não é um corpo doente. Encarando o corpo como uma fonte essencial de sensações e de contato com o ambiente que o cerca, podemos considerar que este também passa informações sobre o indivíduo para o mundo exterior. Meller e Tesch (2007 apud LE BRETON 2006) nos fala que a corporeidade é o envolvimento do corpo como emissor ou receptor, que produz continuamente sentido que inserem o homem ativamente no interior de determinado espaço social e cultural.

A deficiência física, em especial aquelas em que as alterações corporais são mais evidentes, tem para o indivíduo comprometimento tanto nos fatores emocionais, como em relação a suas capacidades motoras. Para Monteiro (2012), a deficiência motora e a sua marca corporal evidenciam a diferença entre o inteiro e o fragmentado, o perfeito e o imperfeito e é carregada de estigmas e valores preconceituosos, provocando desta forma constrangimento. Um deficiente físico teria, comprometida a imagem que passa para as pessoas assim como a que tem de si mesmo. Portanto refletir sobre a forma pela qual o deficiente físico com anomalia congênita, se sente em relação ao olhar social é importante o que pode ser constatado na vivência do entrevistado:

Na minha infância eu era o único que faltava alguma parte do corpo, que tinha deficiência. Então eu me perguntava, porque só eu era assim. Eu fui crescendo e entendendo o que aconteceu, então eu tive aceitação. (WILIAM, 2015).

Com as modificações do corpo durante o crescimento e o aparecimento de hormônios ligados à sexualidade, o homem se percebe enquanto ser único e indivisível, para Ferreira (2008), o ser humano é

emocional e expressa sua personalidade a partir do corpo criando um modelo postural que é influenciado pelo que ele denomina como correntes eróticas. O autor contempla que a construção do conhecimento do corpo está atrelada a estrutura erógena e libidinal criada a partir das funções biológicas, e fisiológicas, além da expressão de suas emoções e imagem corporal perante a sociedade. E esse processo culmina na sua identificação em relação ao que é avaliado como belo. O que se identifica com o pensamento de William (2015):

Como eu sou um atleta de alto rendimento, então acabo tendo um corpo mais atlético, realmente modelado, desenhado todo trabalhado, pensa: quem não gosta de um corpo bonito?

Esta percepção trás o entendimento, do corpo enquanto objeto de desejo, ou seja, eu desejo e sou desejado por meio dele. Se sentir desejado, e aceito a partir do corpo, leva este indivíduo a compor internamente estereótipos que são adequados para atender a sociedade a qual pertence. A percepção das desvantagens apresentadas pelo corpo pode ser uma experiência desintegradora, na formação da autoconsciência, sendo capaz de alterar as relações entre o corpo, à personalidade do indivíduo e sua forma de se relacionar com os outros. (OLIVEIRA, 2000).

Ao observar o corpo como algo de pertencimento e com o reconhecimento do eu, a utilização do outro como objeto de comparação traz um maior sentido para o próprio corpo. Segundo Ferreira (2008), a percepção que se tem do corpo, vem de uma visão individual e coletiva, produzindo sentido sobre a autoimagem. Desta maneira quando o indivíduo identifica similitude em outras pessoas de um grupo se sente

mais adequado. Evidenciou-se por meio da fala de William que o fato da sua identificação com os outros alunos também deficientes facilitou o início da prática de natação:

Eu não tive constrangimento, porque quando eu comecei a fazer natação eu entrei em um clube onde só havia paraatleta. Então, em todos faltava alguma coisa e não havia razão para esse tipo de constrangimento. (WILLIAM, 2015).

Mouly (1960), afirma que o autoconceito está diretamente ligado ao sentido de adequação física, no momento em que o indivíduo desperta algo em outras pessoas o desenvolvimento motor passa a criar um ciclo vicioso, positivo ou não determinando os aspectos comportamentais do indivíduo.

William se destacou de tal maneira a se tornar professor de natação até mesmo para não deficiente, o que foi possível segundo ele por ter uma boa aceitação de si mesmo.

Eu já fui professor de natação e vi que quando as pessoas não tem informação olham muito, mas acho que isso depende muito da forma como cada pessoa deficiente se encara. Então eu deixo todo mundo muito à vontade não tendo como eu sentir constrangimento. (WILLIAM, 2015).

O modelo de inclusão social, que visa tornar o deficiente parte atuante da sociedade em todos os aspectos, pode ser o possível fator que contribui para a autoaceitação de suas deficiências fazendo com que este público procure participar cada vez mais de locais onde possam se sociabilizar. Para Martins e Barsaglini (2011), ser ou sentir-se deficiente é um grande diferencial em relação à identidade da pessoa com deficiência.

Num contexto de construção da autoimagem, as considerações ligadas aos aspectos físicos, são por vezes criadas comparando a

noções estéticas que se adéquam a sociedade. Sendo assim para deficientes físicos este caminho se torna muito mais complexo. Ortega (2008) considera que o corpo é reconhecido a partir da imagem e desta forma se desconsidera seu lado subjetivo, por esse motivo apenas seu lado externo é valorizado. O autor ainda explana sobre o fato de que um corpo que não chega ao nível de eficiência proposto pela sociedade é considerado improdutivo o que fica muito claro na sua frase “alterações corporais representam um símbolo de fracasso”.

Nesse caso para o deficiente a família se torna um grande alicerce. Cruz et al. (2015), afirma em seus estudos que o apoio da família destaca-se entre os demais o que fica claro na resposta de William quando perguntado qual o sentido do apoio de outras pessoas:

Meus pais apoiando meu sonho, fez toda a diferença, uma base boa, e uma família que te e encoraja a ir atrás daquilo que você quer realmente, que no meu caso é a natação é importante. Hoje eu moro sozinho, para tomar a decisão de sair de casa e aproveitar oportunidades, o apoio dos meus pais foi algo decisivo não só para a natação, mas para tudo na minha vida. (WILIAM, 2015).

Cruz et. al. (2015) acrescenta que apesar desta evidencia em relação ao suporte familiar o apoio proveniente das relações de outras amizades, complementam esta base. Por esse prisma Castro (2007) afirma que os profissionais que atuam com deficientes devem adaptar seu estilo de comunicação ao aluno sabendo escutar, observar, argumentar, discutir, registrar respeitando as diferentes idades, níveis socioeconômicos, gêneros, grupos étnicos cultura e idiomas.

O nosso técnico (ou preparador físico, tanto faz) acredita no nosso sonho, e ele o alimenta todo dia o que é muito importante [...] Quando estamos sozinhos às vezes ficamos inseguros, mas quando temos outra pessoa que vê nosso

potencial e acredita, isso ajuda tudo a ficar mais fácil, porque nem todo dia vamos querer cair na piscina pra nadar. O treinamento de alto rendimento é muito puxado, alguém que nos motiva, nos faz passar por todo o cansaço e por tudo que tiver que passar para conquistar o que queremos. (WILLIAM, 2015).

A falta dos membros pode repercutir negativamente em relação à autoaceitação de pessoas com deficiência, por não se sentirem parte do grupo social. Castro (2007) aponta como possíveis receios da pessoa com falta de membros, o fato da exposição e identificação no meio social, o que pode leva-lo a não querer participar em atividades aquáticas. Desta forma o que pode comprometer o bom aprendizado ou não da natação vai além da deficiência física, ou seja, não está relacionado apenas as capacidades motoras.

Bracatti (2013) ressalta que no projeto de atividade de esporte adaptado desenvolvido pela Unesp para deficientes o que mais ficou evidenciado   que a vivências em grupo favoreceu a coopera o e a supera o de situa o de dependência. Segundo o autor as viagens permitem conhecer outras realidades, ter uma vida mais dinâmica, melhorando a condi o social, ampliando seus conhecimentos e valorizando o grupo. Esta afirma o também se evidencia na fala de William (2015):

A nata o mudou em minha vida, mudou muito tive convívio com outras crianças deficientes, conheci outras tipos de deficiência e outras histórias; conheci lugares que eu nem imaginava conhecer. Graças   nata o quando começaram as competi o eu fui viajar para um estado e para outro e até para outros países o que acabou abrindo um caminho novo pra mim.

Procurar entender o que isto pode significar enquanto qualidade de vida no que diz respeito ao lado emocional de um aluno deficiente é muito importante, pois demonstra o respeito à sua identidade e limitações.

3 CONCLUSÃO

Podemos considerar que o corpo deficiente pode apresentar desvantagens tanto diante da visão social como do entendimento que a pessoa com deficiência tem de si mesma, provocando uma sensação de inadequação por parte desta. Assim sendo, a natação para o deficiente com anomalia congênita, pode contribuir de maneira significativa em rela o   autoestima e a integra o social.

Observou-se que o para o deficiente, ter outras pessoas em situa o semelhante em seu grupo de nata o, principalmente no período inicial do aprendizado diminui o fator de constrangimento contribuindo para aceita o da deficiência ao passo que promove a identifica o deste em rela o ao meio. Também os trabalhos em grupos são bastante motivadores neste sentido, pois quebram o estigma de menos valia, ao passo que promovem no indivíduo o sentimento de ser adequado e participativo em um grupo social.

A nata o pode possibilitar um maior conhecimento do corpo, principalmente para deficientes que se dedicam ao esporte como meio de vida. Para estes em especial o sentimento relacionado   visão mítica do herói que vence batalhas e ganha medalhas, além de ampliar seus contatos sociais torna estas pessoas mais seguras e independentes.

Também o apoio recebido de familiares, bem como de pessoas com quem o deficiente se relaciona   de extrema relevância no sentido

motivacional e neste aspecto o professor ou treinador físico se enquadra fazendo toda a diferença no processo. Para tanto é necessário que se entendam as limitações do indivíduo nas suas questões emocionais relacionadas à autoaceitação.

Esse trabalho tem a expectativa de contribuir trazendo um olhar reflexivo em relação à Educação Física Adaptada para os bacharéis da área, de forma a estender o tema além da modalidade de natação. Não há intenção, porém de que este profissional trabalhe com seu aluno a partir de discursos psicológicos ou psicanalíticos, mas que seu entendimento em relação a este se de além do corpo que se vê.

Na afirmação de William(2015) a demonstração de como a natação influenciou sua autoestima, ao perceber-se além da deficiência: *“Um corpo bonito de atleta sempre definido, mais saudável, mais funcional então acaba aumentando sim sua autoestima.”*

REFERÊNCIAS

BARRETO, et al. **Avaliação Nutricional de Pessoas Com Deficiência Praticantes de Natação**. Rev. Bras. Med. Esporte – Vol. 15, No 3 – Mai/Jun, 2009

BRANCANTTI, P. R. **Esporte Adaptado às Pessoas com Deficiências na Unesp de Presidente Prudente: da Iniciação às Conquistas Sociais**. São Paulo: Unesp, Revista Adapta, Presidente Prudente, v. 9, n. 1, p. 33-38, Jan./Dez., 2013.

BRASIL. **A Convenção sobre Direitos das Pessoas com Deficiência Comentada**. Brasília Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, 2008, p. 21.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos, Brasília, 20 de dezembro de 1999; 178º da Independência e 111º da República.

CASTRO, E.M. **Atividade Física: adaptada**. 1ª ed. São Paulo: Tecmedd, 2007.

CRUZ, D. M. et al . **Redes de Apoio a Pessoa com Deficiencia Fisica** -. Cienc. Enferm - Concepción , v. 21, n. 1, p. 23-33, abr. 2015.

Dicionário Aurélio site: <http://www.dicionariodoaurelio.com>, acesso 11/10/2015 as 20:25.

FERREIRA, F.R. **La producción de sentidos sobre la imagen del cuerpo.** *Interface* - Comunic., Saúde, Educ., v.12, n.26, p.471-83, jul./set. 2008

LABRONICI, M. C. B. C.; CUNHA A. S. B. O. **Esporte como fator de integração do deficiente físico na sociedade** - *Arq Neuropsiquiatr.* São Paulo: v. 58, n. 4, p. 1092-1099, Dec., 2000

MARTINS, J. A.; BARSAGLINI, R. A. **Aspectos da identidade na experiência da deficiência física: um olhar socioantropológico.** Botucatu: *Interface*, v. 15, n. 36, p. 109-122, Mar. 2011

MELLER, V. A.; TESCH L. **Vivências corporais de pessoas com deficiência Física.** *Visão Global – Joaçaba* v10, n.1 pg. 61-84 jan/junho 2007.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MONTEIRO, J. R.C.S, **O contributo do Desporto Adaptado para a integração Social da Pessoa com Deficiência Motora.** A situação dos atletas praticantes de Desporto Adaptado no Centro de Medicina de Reabilitação da Região Centro-Rovisco **Pais.** Dissertação (Mestrado em Serviço Social) ISMT (Instituto Superior Miguel Torga) Coimbra, 2012.

MOULY, G.J. **Psicologia Educacional.** 4ªed. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1971

NOVAES, V.S. **O híbrido Paraolímpico: Resignificando o corpo do atleta com deficiência a partir de práticas tecnologicamente potencializadas.** Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. UFRGS Porto Alegre, 2006.

Unifal em Pesquisa, São Paulo SP, v.7, n.1 janeiro 2017

OLIVEIRA, R. A. **Elementos psicoterapêuticos na reabilitação dos sujeitos com incapacidades físicas adquiridas** - Análise Psicológica-Lisboa, v.18, n.4, Nov., 2000.

ORTEGA, F. **O Corpo Incerto**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2008.

RUBIO, K. **O imaginário esportivo contemporâneo: O atleta e o mito do Herói**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SALMULSKI, D. **Psicologia do Esporte**. 2ª Ed. São Paulo: Manole, 2009

SASSAKI, R. K. **Vida independente: história, movimento, liderança, conceito filosofia e fundamentos**. São Paulo: RNR, p.12 -16, 2003.

URIZZI, W. L.; BOUDAKIAN, S.H.; SOCI, U.P.R. **Natação para liberdade** - Relato de vivências, técnicas e adaptações de professor e aluno na natação para portadores de deficiência. 1ª ed.São Paulo: Referências, 2003.